



### Interesse acadêmico

Nos últimos anos tem-se assistido a uma maior oferta de formação tanto em Portugal, como fora do país. Não existe só maior interesse ao nível das faculdades, mas também há mais alunos interessados por esta área. “Todos os anos oriento dissertações de mestrado sobre temas relacionados com a Odontologia Veterinária. Em suma, o caminho tem vindo a ser feito e as expectativas para os próximos cinco anos são muito boas”, reforça Lisa Mestrinho. A opinião é partilhada por Carlos Viegas que considera que esta área de trabalho tem vindo a desenvolver-se sobretudo a partir de “um grande esforço de valorização da mesma em várias frentes, nomeadamente na investigação, que se consubstanciou na realização de várias teses de doutoramento e dissertações de mestrado, numa ativa e contínua divulgação técnico-científica e numa oferta de serviços especializados de norte a sul do país”. A SPEDMVE tem fomentado a realização de cursos a vários níveis. “Este ano estaremos em Setembro no Algarve, com um curso eminentemente prático na área de Imagiologia, Periodontologia e Exodontia”, divulga Carlos Viegas.

Também Lisa Mestrinho refere o deslumbramento, mas relativamente ao título de especialista. “Temos médicos veterinários muito competentes e que trabalham muito bem em diferentes áreas, e que não estão sequer interessados, aos quarenta e poucos anos de idade, depois de trabalharem há 20 numa determinada área, em passar quatro anos fora do país a fazer uma residência. Eu compreendo-os. Já assisti a diplomados dizerem a colegas que trabalham há vários anos numa área específica que até podem ter uma experiência muito grande, mas que sempre fizeram as coisas mal”, afirma.

A médica veterinária e presidente da APMVEAC é bastante crítica relativamente a este ponto. “Este é o lado perigoso da especialização: a ideia do especialista como uma *trade-mark*, ou seja, uma espécie de capataz de uma especialidade em que há depois um clube onde somente aos capatazes das diferentes especialidades é permitido entrar. A este respeito fiquei triste por ver que, ao mesmo tempo que estão a ser discutidas as especialidades em medicina veterinária, foi criada uma associação de especialistas portugueses certificados por colégios europeus ou americanos. Acho contraproducente e um sinal de fechamento e isolamento. E mais triste fico por continuar a verificar que poucos especialistas portugueses oferecem programas de residência em Portugal. Não sou capaz de aceitar a ideia de que um veterinário português, para se especializar, tenha de passar quatro anos fora do país, isto é, emigrar temporariamente, trabalhar de sol a sol, em condições altamente precárias em alguns casos, a ter ele próprio de suportar os custos da sua residência. Acho isto injusto e discriminatório. Na minha opinião, e é apenas a minha opinião pessoal, é preciso lembrar que os especialistas não são uma elite e é preciso acabar com este discurso de ‘nós, os especialistas’ e ‘eles, os não especialistas’; ‘nós, os que fazemos as coisas bem’ e ‘eles, os que fazem as coisas mal’. Existem então muito mais “especialistas” do que os que são certificados pelo Colégio Americano ou Europeu? Para Lisa Mestrinho, na prática, sim. “A minha conceção de especialista é muito lata e vai além do título”, diz. Valoriza muito mais o conteúdo do que “a capa” e é precisamente isso que tem vindo a defender no grupo de trabalho sobre as especialidades, do qual faz parte na Ordem dos Médicos Veterinários (OMV). “Embora esteja convencida de que a evolução da especialidade não dependa da existência ou não de diplomados, creio que é importante, por um lado, que a OMV chame a si a competência da atribuição de títulos de especialista, como é o caso, aliás, de todas as outras ordens profissionais nacionais, repito, de todas as outras ordens profissionais (e recuso-me a achar que todos os outros é que estão errados) e por outro, em breve, possa haver diplomados nesta área que promovam efetivamente programas de residência em Portugal. Também é importante que as faculdades revejam rapidamente os seus currículos, que integrem disciplinas interessantes e atuais, que sejam o reflexo das necessidades e dos desenvolvimentos da medicina veterinária, e também que permitam o desenvolvimento de trabalho de investigação nesta área, proporcionando as condições necessárias ao nível dos recursos humanos e materiais”. Lisa Mestrinho trabalhou recentemente num Centro de Referência inglês e a experiência fê-la perceber que em Portugal se trabalha

tão bem quanto em centros europeus ou americanos. “Isto é válido tanto para a área da Odontologia Veterinária, como para qualquer outra dentro da Medicina Veterinária. Não nos devemos desviar daquela que é a nossa missão: exercer a nossa profissão sempre em benefício da saúde dos animais. Afinal é isso que somos: profissionais de saúde animal”, defende.

### A realidade brasileira

No Brasil, a área de Odontologia Veterinária tem vindo a crescer exponencialmente. Quem o afirma é Michèle Venturini, médica veterinária e cirurgiã dentista, mestre em Cirurgia pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo. “Infelizmente, nas faculdades de medicina veterinárias não se aborda o tema ou ainda se aborda de forma muito superficial. Porém, os cursos tanto de extensão, quanto de especialização na área têm aumentado em todo o país”, diz-nos. Michèle Venturini é também fundadora e responsável do centro Odontovet – focado exclusivamente na odontologia, com delegações em várias cidades brasileiras, como São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Brasília e outras (ver caixa). “Foi o primeiro Centro Odontológico especializado no Brasil e o segundo no mundo. Temos uma experiência de 23 anos de atendimento único e exclusivo em Odontologia, e somos a maior equipa de profissionais especializados na área. Todos temos cursos de mestrado, pós graduação ou doutoramento na especialização. Todos divulgamos a especialidade e damos aulas em cursos ou congressos, o que nos obriga a uma atualização permanente”, salienta. É esta ética e transparência que faz com que os proprietários confiem os seus animais aos cuidados da equipa que, por sua vez, se compromete “com o bom atendimento ao cliente”.

Ainda no que respeita aos congressos e cursos, a fundadora deste Centro sublinha: “A Associação Brasileira de Odontologia Veterinária ABOV tem contribuído muito com a divulgação da especialidade organizando congressos e *webinars* (palestras online). Desta forma tem-se falado cada vez mais da especialidade no meio veterinário. Tal como em Portugal, existe um esforço acrescido por parte de profissionais brasileiros em divulgar a especialidade junto da população. “Por isso, cada vez mais, o proprietário tem-se consciencializado da importância dos cuidados orais para o bem-estar e a qualidade de vida dos nossos pacientes”, adianta. Comparando o Brasil aos Estados Unidos da América, a médica veterinária considera que estão no mesmo patamar no que respeita ao conhecimento. “O que os diferencia é que, do ponto de vista tecnológico, cujos custos são maiores, os EUA estão mais adiantados, além da especialidade parecer ser mais divulgada e ser mais antiga do que no Brasil”, defende. Relativamente a países da Europa, Michèle Venturini “acredita que estão no mesmo patamar que países como França, Itália e Áustria”. No que respeita a Portugal, pelo que se apercebeu aquando da sua viagem ao país em abril do ano passado para participar numa formação promovida pela Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (FMV-ULHT), considera que “a especialidade está mais avançada e divulgada no Brasil”. Ficou também com a ideia de que o nosso país está a passar por uma fase de transição com o surgimento das especialidades, sendo que o Brasil passou pelo mesmo mas “há